



Manual do professor digital

Ficha da obra

Obra: *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos*

Autor: Rodrigo Lacerda

Categoria: 2

Segmento: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II

Tema: Diálogos com a história e a filosofia

Gênero: Conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular

Editora: Zahar

Biografia do autor

Rodrigo Lacerda nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1969. É romancista, contista, tradutor, professor e editor. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, publicou seu primeiro romance, *O mistério do leão rampante*, em 1995. Tem diversos livros premiados, dentre os quais os juvenis *O fazedor de velhos* e *Hamlet*, ambos contemplados com o Prêmio Jabuti. Como tradutor, Rodrigo Lacerda dedicou-se a autores como Alexandre Dumas, Robert Louis Stevenson, Arthur Conan Doyle e William Faulkner.

Sobre o livro *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos* e os gêneros literários que transitam entre conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular.

Ao contar as histórias das peças de Shakespeare com outras palavras, as adaptações usuais privam o leitor do que há de melhor na obra do autor: sua poesia dramática. E se levarmos ainda em conta o fato de que as histórias de suas peças nunca foram inventadas por ele – a de Hamlet, por exemplo, vem de um conto folclórico medieval –, constatamos que, com frequência, nas adaptações das obras de Shakespeare não resta absolutamente nada.

A criação de um narrador irreverente e contemporâneo, uma espécie de diretor de elenco, que, ao conversar com um ator prestes a representar Hamlet, não apenas reconte o drama shakespeariano, mas apresente o texto original traduzido e dele esclareça todos os elementos que porventura seriam obscuros ao leitor jovem, produziu um livro deliciosamente híbrido. Uma obra que se move entre a tradução da peça propriamente dita, a ficção do diálogo entre o narrador e o ator imaginário e um guia de leitura completo e acessível do grande clássico do humanismo renascentista.

Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos, como podemos perceber, transita entre diversos gêneros literários. Além dos já mencionados, ele poderia ser visto como um romance; mas também se abre para os melhores aspectos, em sua concisão esparramada, dos contos; não seria uma crônica dos dias atuais, narrada debochadamente por um narrador sem papas na língua, sem medo de ousar nas palavras? Ou uma novela, que brinca com a estrutura séria e pesada dos romances, com mais fluidez e menos responsabilidade? Não deixa, certamente, de trazer ares cênicos (quem duvidaria, ao tratar-se de Shakespeare?) e nos oferece, com profundidade, temas de Filosofia.

É um livro fundamental, portanto, para que os leitores intermediários experimentem os mais diversos modos de contar uma história – e possam, ao mesmo tempo, entender como elas são feitas. Ele não cabe em um só gênero; poderíamos dizer que, ao contrário, muitos gêneros são revelados em suas páginas, fazendo jus, afinal, à grandiosidade de uma obra como a do bardo inglês, enigmática e interessante para todo o sempre, para os que tiverem coragem de por ela se aventurar.

Sugestões de trabalho em sala de aula com a obra literária *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos: momentos pré-leitura e pós-leitura*

Antes da leitura, durante a leitura

1.

Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos é um livro instigante, que provoca os leitores e os ajuda a ter coragem para mergulhar em uma das maiores obras da literatura universal: *Hamlet*, de William Shakespeare. O professor pode apresentar a obra aos alunos, em uma roda de conversa, mostrando a capa do livro (a apreciação crítica da ilustração será um trabalho desenvolvido posteriormente, conforme iremos propor) e lendo em voz alta o título e o subtítulo. Em seguida, perguntar do que imaginam tratar-se o livro: “Hamlet”, “Shakespeare” são termos que fazem parte do repertório destes estudantes? Em qual medida e em qual profundidade? Ouvindo os alunos, trocando informações e conhecimentos, o professor pode adquirir pistas sobre quais caminhos percorrer em conjunto com a turma: a partir do que os alunos trouxerem, pode falar sobre quem foi William Shakespeare, a época em que viveu e quais são suas principais obras – *Hamlet*, em especial. Todo esse trajeto de conhecimentos será também percorrido pela turma em diversas disciplinas (Inglês, História, Filosofia, Artes Plásticas), como proporemos a seguir.

2.

Tendo ouvido a turma e apresentado o tema central do livro, o professor pode explicar aos alunos que se trata de uma obra especial, muito criativa: não é exatamente uma adaptação da famosa peça de Shakespeare, pois o texto original está presente; não é um resumo; também não é apenas um guia de leitura. O que será, então, este livro? Como

foi construído? Lendo em voz alta o aparato textual nele presente, o professor pode pinçar alguns termos que fazem um percurso investigativo sobre a forma literária, sobre a construção da narrativa, como por exemplo: “gênero inovador”; “jogo narrativo”; a presença de um “irreverente e erudito narrador contemporâneo”. Este é um rico caminho para que os estudantes se debrucem sobre o *fazer da escrita* em suas próprias produções.

Com a estrutura do livro destrinchada – tendo contextualizado o tema, o gênero, o autor e a obra, lido o aparato textual e conversado sobre modos de construir um texto literário –, o professor pode pedir que os alunos escrevam, individualmente, um texto curto (conto, miniconto, crônica, poema, letra de canção) instigados pela epígrafe do livro:

Se a imaginação governa o mundo, como a antena luminosa que possuem os peixes dos abismos;
Se “ilusão” é o outro nome da consciência, e a pior das ilusões é acreditar que todas elas foram perdidas;
Se as histórias são armadilhas onde o tempo cai prisioneiro;
Se tudo isso é verdade, pense no seguinte...

Depois da escrita, o professor pode propor um sarau, em que os alunos leiam e interpretem suas produções em voz alta. Tal finalização, o professor pode lembrá-los, remonta ao gênero primeiro de *Hamlet*, o dramático, que toma sua forma total na encenação, no cênico.

3.

Não apenas para os palcos houve adaptações de *Hamlet*. Rodrigo Lacerda, ao final do livro (na seção “Hamlets que eu vi”, p.313), retoma algumas das principais filmagens que foram feitas a partir do texto de William Shakespeare. Seguindo o roteiro percorrido por Lacerda – que inclusive faz apreciações críticas sobre cada um dos filmes,

apontando qualidades e defeitos –, o professor pode propor alguns “cineclubes” com a turma. É interessante percorrer as filmagens (que englobam um arco de tempo que vai de 1948 a 2000) para que os alunos tenham a dimensão das diversas técnicas e linguagens utilizadas para dar conta de uma mesma obra: que grandiosidade literária, filosófica e histórica ela amalgama.

Como fechamento para a atividade, o professor pode propor, em mais um exercício de escrita, que os alunos escrevam, individualmente, uma *resenha crítica* sobre algum dos filmes vistos. O professor pode falar sobre este gênero textual e incentivar os alunos a explorar jornais e revistas para obterem inspirações para as próprias resenhas.

Posteriormente as resenhas podem compor um blog da turma, produzido pelos próprios alunos, com as diversas informações e aprendizados que obtiverem sobre Shakespeare, *Hamlet* e formas literárias durante a leitura e o trabalho realizado com *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos*.

Depois da leitura

1.

Ao apresentar o livro para os alunos, o professor passou rapidamente pela ilustração de capa. Depois da leitura, de ter adentrado o universo do drama encarnado no personagem de Shakespeare e na irreverência do narrador contemporâneo construído por Rodrigo Lacerda, propõe-se que a turma se volte, agora mais detidamente, para a mesma ilustração. Em uma roda de conversa, o professor pode sugerir que os alunos falem sobre ela, deixando-os à vontade para que lancem suas impressões de gosto e, pouco a pouco, façam suas considerações críticas acerca do desenho. O que ele diz sobre o tema do livro? A interpretação do desenho mudou depois de ler a narrativa? A capa convida para a leitura? Traz elementos do drama shakespeariano e, ao mesmo tempo, joga nele ares de contemporaneidade? Esse jogo é

válido, funciona? Essas são algumas perguntas que podem pontuar as considerações feitas pela turma.

Como finalização para a atividade, e com o auxílio do professor de Artes Plásticas, o professor pode propor que a turma, dividida em pequenos grupos, produza diferentes ilustrações para uma nova capa de *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos*. A produção, que pode usar os mais diferentes suportes (craft, papel-cartão, offset, lápis de cor, giz de cera, canetas coloridas ou hidrocor, lápis grafite), deve levar em conta as análises literárias, históricas e temáticas feitas até então, incluindo-as na estética.

As capas podem ser fotografadas e publicadas no blog produzido pela turma. E, caso seja viável, algum aluno ou o próprio professor pode filmar o processo de trabalho e editá-lo com músicas que tragam novos olhares sobre o tema. Podem também ser expostas em uma área compartilhada da escola, acompanhadas de um cartaz que explique o trabalho realizado pela turma acerca do livro, as investigações e os projetos que daí nasceram.

2.

A leitura de *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos* é um rico manancial, como vimos até aqui, de inspirações que podem tanto fazer aflorar o conhecimento prévio dos alunos como também oferecer novos horizontes de pensamento. Assim sendo, pode-se contar, em um plano mais amplo, com a ajuda do professor de História para, em algumas aulas, oferecer aos alunos um panorama da época em que William Shakespeare viveu. O professor de Inglês, por sua vez, pode percorrer com os alunos alguns dos muitos e interessantes sites sobre a vida e a obra de William Shakespeare. Para iniciar, sugerem-se os sites da British Library (www.bl.uk) e do Oxford Dictionary of National Biography (www.oxforddnb.com). Os do British Museum (www.britishmuseum.org) e da Royal Shakespeare Company (www.rsc.org.uk) trazem páginas específicas e aprofundadas sobre o dramaturgo inglês;

em uma das abas do site da Royal Shakespeare Company, *Education*, há o “*Shakespeare learning zone*”: em um visual atraente e dinâmico, há informações sobre as principais peças do dramaturgo.

3.

O trecho final de *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos* pode propiciar indagações que, apoiadas na colaboração dos professores de Filosofia e de Artes Plásticas, impulsionem produções interessantes que unam crítica e estética. Uma delas pode surgir da passagem escrita por Rodrigo Lacerda, justamente no final do livro (p.309):

É consenso entre os críticos que, ao morrer, Hamlet encontra a paz. Aceitar a existência do mal em si mesmo fizera dele a encarnação da dualidade humana e da grandeza de nossos desafios morais, mas esse convívio interior entre o bem e o mal era uma fonte de angústias terríveis. Agora, finalmente, elas acabaram, ele está conciliado com sua própria natureza contraditória. No filme russo de Grigori Kozintsev, de 1964, há uma longa tomada de um pássaro voando sobre Elsinore e suas falésias, indo em direção ao horizonte. É uma boa metáfora visual da libertação de uma alma atribulada que finalmente pode deixar de sofrer.

Partindo da leitura do livro, da presença da morte em *Hamlet* (e das elucubrações e níveis de conscientização que ela oferece ao personagem) e da importância do assunto, quando abordado com cuidado e delicadeza, sugere-se que o professor releia o trecho acima com a turma. E com ajuda do professor de Filosofia, tenha uma conversa franca e corajosa com os alunos sobre a presença da morte em obras de arte e nas inquietações mostradas por alguns filósofos.

Este debate pode resultar em obras artísticas livres, feitas a partir de diferentes suportes pelos alunos: de poemas a desenhos, passando por fotografias ou textos mais longos. O resultado, como os outros, pode ir para o blog e também ser exposto em áreas comuns da escola.

**Sugestão de trabalho em sala de aula com a obra literária
Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos, em atividade
que agregue outras áreas e disciplinas para além da língua
portuguesa.**

A atividade final com o livro *Hamlet: Shakespeare para jovens curiosos* propõe um mergulho em obras da literatura brasileira, com ênfase na figura do narrador que, como no caso do diretor cênico criado por Rodrigo Lacerda, desenrole para nós, leitores, os fios da trama. O professor pode propor, então, em parceria com o professor responsável pela biblioteca, um *clube de leitura* de obras brasileiras que tragam narradores que orientem e interfiram na leitura, por vezes interpelando os personagens, por vezes falando diretamente com o próprio leitor.

O professor pode dividir a classe em pequenos grupos e acompanhar a evolução da leitura de cada um deles, que ficarão responsáveis por quatro diferentes livros: *Memórias póstumas de Brás Cubas*; *Dom Casmurro*, ambos de Machado de Assis; *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; e *Leite derramado*, de Chico Buarque.

Em um trabalho que pode durar um trimestre ou semestre inteiros, o professor pode, em conjunto com os grupos, ler, auxiliar no vocabulário e no tema que cada obra propõe. Com esse apoio, pode começar a estabelecer a percepção de um caminho de formação literária brasileira e, principalmente, da tradição deste tipo de narrador que revela não apenas a camada superficial do enredo e do tema, mas os elos sociais sobre os quais se erguem as narrativas.

Cada grupo pode apresentar a leitura de seu livro em pequenos seminários nos quais, com o auxílio do professor de História, pontuem-se também alguns importantes fatos sociais, históricos e políticos da época em que os romances foram escritos.